

O Seminário da PUC
pág 3

*

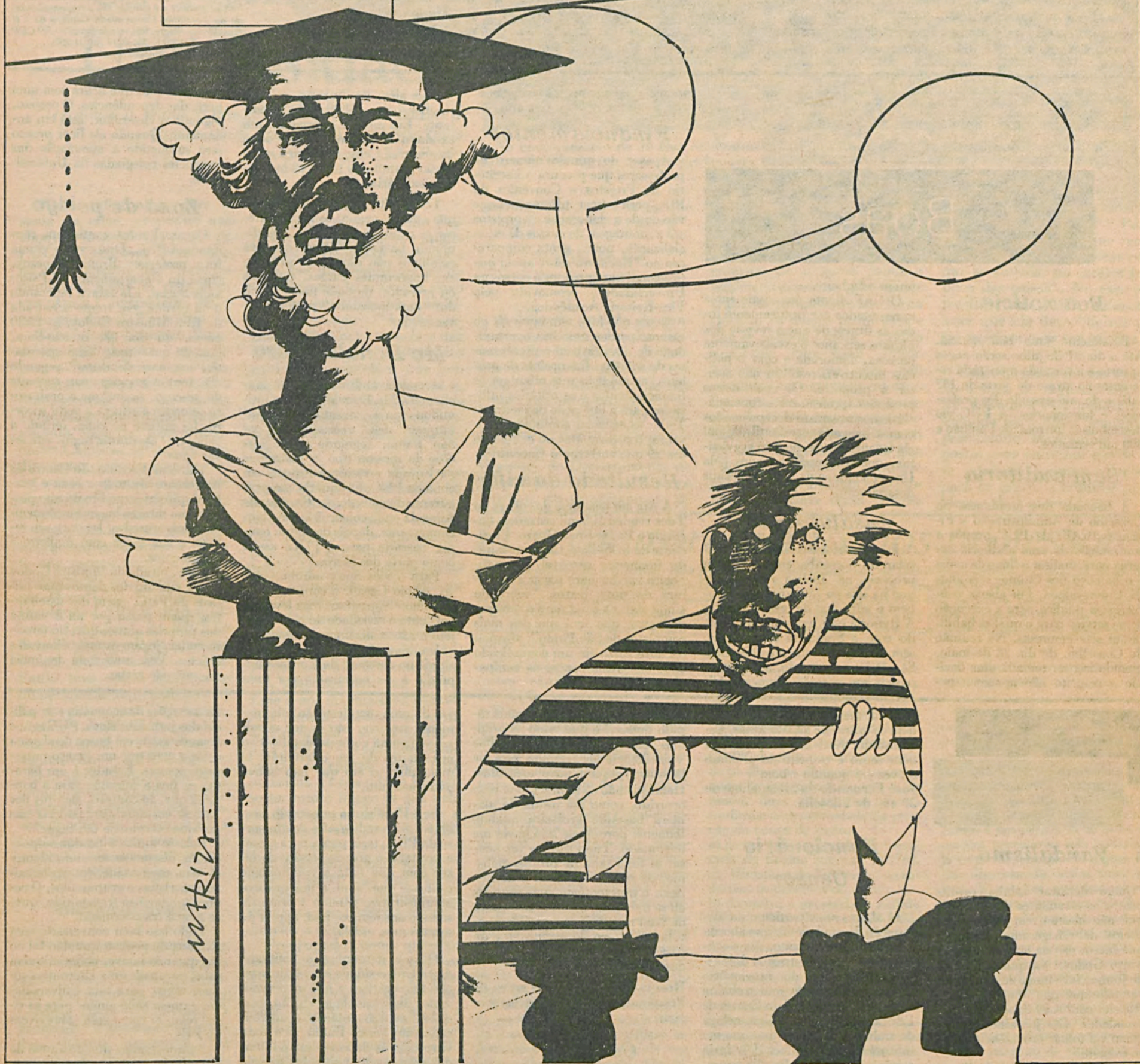
Desaparecidos
políticos
pág 5

*

Jornada
Florestan Fernandes
pág 6

porã, duba

PUC-SP — 12/6/86 — n.º 115



O acadêmico comércio dos C.A.s

Carta dos editores

A feira-livre que funcionou durante muitos anos no corredor que separa o prédio novo do velho desapareceu para felicidade de todos que transitam por esse local. Mas o comércio na PUC continua intenso. Os centros acadêmicos misturam hoje atividades políticas e comerciais. A repórter Claudia Giudice deu uma volta por eles e descobriu que é possível comprar desde pinga coquinho até sofisticadas jóias mexicanas. Acompanhe esse "shopping" na última página.

O Porã'duba acompanhou também os três dias da primeira fase do Seminário da PUC. A grande afluência de público ocorreu no segundo dia quando a Universidade foi dissecada por Dermeval Saviani, Marilena Chauí e Florestan Fernandes. Florestan, aliás, havia sido tema, na semana anterior, de uma jornada de estudos em Marília, fato inédito na Universidade

brasileira. O Porã'duba enviou o repórter Gerson Sintoni para cobrir o acontecimento. O Seminário e a Jornada estão nesta edição.

Na semana passada a PUC recebeu uma visitante ilustre: a prefeita de Fortaleza, Maria Luiza Fontenelle. Ela contou ao Porã'duba o que é fazer uma administração popular cercada de coronéis por todos os lados. No dia anterior, também na PUC, uma reunião de familiares de desaparecidos, vítimas da repressão política, lembrou uma dolorosa chaga ainda não cicatrizada da sociedade brasileira. O repórter Cesar A. Nogueira cumpre a tarefa de mostrar esse drama que atinge mais de cem famílias brasileiras.

Como se vê um jornal que vai do humor estudantil à dor dos familiares dos desaparecidos. Nada diferente da vida, feita dos mesmos ingredientes.

COMISSÃO EDITORIAL EXECUTIVA:
Professores — jornalistas: Laurindo Lalo Leal Filho (reg. Min. Trabalho 12.110 Mat. Sind. 300)

Gabriel Priolli (reg. Min. Trab. 361 — Mat. Sind. 4967)
Valdir Mengardo (reg. Min. Trab. 12.347 — Mat. Sind. 6707)

Funcionária Jornalista — Vera Lúcia R. da Silva
Aluna de Jornalismo — Claudia G. de Menezes.

Redação:
Mara Gama (edição), Nelcy Del Grossi (reportagem), Gerson Sintoni (reportagem e fotografia), Claudia Giudice de Menezes (reportagem e fotografia), Valdir Mengardo e Regina Delfino (Projeto gráfico e Logotipo), Silas Botelho Neto (diagramação) e Mariza Dias da Costa (ilustração). Colaboraram nesta edição: Marcelo Francisco, Murilo Marrone, Sonia Seruilheira, Vivaldo Reinaldo, Giovanni Rizzo (fotografia), Eduardo de Vasconlos Belo, Rubem Roschel de Sousa e Cesar A. Nogueira, Isabel Santucci (revisão). Porã'duba circula quinzenalmente com distribuição gratuita e é editado sob a responsabilidade da Pontuica Universidade Católica de SP Rua Monte Alegre, 984 — São Paulo — SP CEP 05014 — Tel (011) 263.0211 ramal 227. Porã'duba, em tupi: notícias.

Poucas

&

Boas

Boa notícia

Finalmente uma boa notícia. Até o dia 31 de julho serão pagos os juros e a correção monetária referentes ao atraso de parte do 13º salário do ano passado dos professores e funcionários. A PUC vai desembolsar um total de 1 milhão e 400 mil cruzados.

Sem auditoria

A bancada dos estudantes no Conselho de Administração e Finanças (CAF) da PUC, propôs a contratação de uma auditoria externa para analisar o fluxo de caixa e o balanço dos últimos seis anos da Universidade. Foi aberta concorrência pública para a execução desse serviço para o qual se habilitaram sete empresas. Na reunião do Conselho, do dia 28 de maio, quando iria ser tomada uma decisão a respeito não apareceu ne-

nhum estudante.

O CAF diante dos argumentos apresentados por praticamente todas as firmas de que a revisão dos últimos seis anos é excessivamente onerosa, demorada e com benefícios discutíveis, resolveu não aceitar a proposta. Os conselheiros presentes (professores e funcionários) mostravam-se decepcionados com a bancada estudantil. Afinal ela levantou uma questão gravíssima, que se arrasta há anos pela Universidade, e na hora de decidir desapareceu.

Insalubridade

Funcionários do conjunto hospitalar de Sorocaba entraram com processo na Justiça reclamando que há seis ou sete anos não recebem o adicional de insalubridade. A Reitoria está tentando um acordo com o Sindicato para pagar, sem peritagem, somente dois anos. Se não houver acordo, será feita a perícia em aproximadamente seis

meses e os pagamentos só começaram a sair em dois ou três anos.

Financiamentos

Apesar do grande número de professores que procura o Escritório de Projetos e Convênios da PUC para buscar informações que vão desde a elaboração de projetos até a montagem de cursos de especialização, pouca gente compareceu ao "Encontro sobre apoio institucional para projetos e cursos na Universidade", promovido pela Vice-Reitoria Acadêmica.

Quem não foi e tem interesse no assunto perdeu uma boa oportunidade de discutir com representantes de agências financeiras de projetos, as políticas que orientam os financiamentos e os critérios utilizados para a liberação de recursos. Todas as agências contatadas estiveram representadas no debate do dia 29 que encerrou o Encontro.

Resultado da rifa

A rifa em benefício das obras do Tuca rendeu 175 mil cruzados. Segundo o Padre Enzo Guzzo, Presidente do SOS-Tuca, foi um resultado financeiro razoável. Esse dinheiro vai dar para pagar a cobertura do novo teatro, "sobrando ainda alguma coisa para a reforma do palco, que será um dos mais completos de São Paulo", afirmou o Padre Enzo em um comunicado onde ele presta contas da campanha.

Mas além do dinheiro, o Tuca recebeu outra colaboração importante. Em meio a campanha, um ex-aluno de Economia, hoje dono da empresa Celite, ofereceu a renovação gratuita de todas as instalações sanitárias do teatro.

Tem muita gente torcendo para que a moda pegue. Se isso acontecer os problemas da PUC vão diminuir bastante. Afinal quantos ex-alunos não estão hoje situados em importantes cargos, públicos ou privados, de onde não é difícil dar "uma mãozinha" para a Universidade.

Mc Donald's fora

A cadeia multinacional de lanchonetes Mc Donald's não se intimidou com a passeata "anti-hamburger" feita recentemente em São Paulo, seguindo manifestações do mesmo tipo já realizadas na Europa e resolveu investir em cima da PUC. Ela queria comprar a frente do corredor da Cardoso de Almeida onde construiria uma lanchonete que, depois de algum tempo, passaria para a PUC, assim como parte dos lucros.

Para o vice-reitor administrativo, Alípio Casali, o contrato "era altamente vantajoso, mas levamos em conta a seriedade do nosso projeto e não realizamos o negócio".

Em lugar do Mc Donald's deve surgir no corredor da Cardoso um prédio a ser construído por uma

incorporadora que ficará com uma parte das dependências. O projeto, segundo o vice-reitor, está em andamento. Quando ele ficar pronto será submetido a apreciação das instâncias colegiadas da Universidade.

Zona de perigo

Os assaltantes continuam rondando a PUC. Desta vez a vítima foi a professora Bronia Liebesny, chefe do Departamento de Psicologia Social. Ela estava esperando uma carona, em frente a entrada da Rua Ministro Godoy, às 12:30 horas, do dia 28, quarta-feira, quando um rapaz, "bem apessoado, com cara de aluno", segundo ela, tentou arrancar sua corrente do pescoço. Assim que a professora começou a gritar e a pedir socorro, foi atirada ao chão, ferindo a cabeça. O assaltante fugiu, sem levar nada.

Marilene Ferreira, do Centro de Educação, viu toda a cena e lembrou que em setembro do ano passado, no mesmo lugar, cinco meninos, dois armados, levaram seu relógio e sua bolsa com dinheiro e documentos.

Essa entrada da Ministro Godoy talvez seja um dos pontos mais críticos da PUC. Além dos assaltantes, quem passa por ali é vítima dos próprios alunos que, do terceiro andar, jogam os mais diferentes objetos. Veja mais uma denúncia na seção de cartas.

Cartas

Vandalismo

"Quero declarar minha revolta contra os estudantes do 3º andar que não hesitam em jogar copos cheios de refrigerantes naqueles que fazem uso da entrada da Ministro Godoy. Na quarta-feira, 4 de junho, fui vítima de um desses vândalos que não têm o mínimo respeito com seus colegas da Universidade. Desejo ainda saber quem vai tomar providências a esse respeito".
Regina Delgado, aluna do 4º ano de Fonoaudiologia.

Austeridade

"A nossa esquerda festiva (Centro Acadêmico de Ciências Sociais — Caes) não tem a menor noção de austeridade. Dando a notícia impressão de que se acham donos da PUC, promovem manifestações

que, na maioria das vezes, impedem os outros de assistir aulas. Esquerdinha festiva, um pouco de bom senso e respeito ao próximo de vez em quando é bom".
José Fernando da Silva, aluno do 3º ano de Filosofia.

Funcionário

Censor

"Há alguns anos participo da elaboração de um boletim que aborda o tema do lesbianismo. Na sexta-feira, 9 de maio, entreguei dois artigos nas mãos do funcionário Henrique Ciconello que trabalha na Secretaria Setorial do Centro de Educação. Foi uma amiga, colega de trabalho do Henrique, que me informou que a mulher dele fazia serviços de datilografia. Na segunda-feira seguinte, qual não foi minha surpresa quando soube que ele havia sido roubado na sexta à noite. Sua 'história': o ladrão, com uma arma apontada, levou a mochila e o toca-fita que estavam no carro, mas deixou o carro. Da sexta até a segunda ele não teve tempo para me telefonar avisando o que havia acontecido. Ele sabia da finalidade dos artigos, da minha

urgência em publicá-los o mais rápido possível e que eram os originais que eu lhe entregara. Por 'coincidência' um 'novo' toca-fitas já estava com um 'novo' toca-fitas. Henrique não só se desculpou pelo ocorrido, como me tratou de maneira bastante grosseira quando indaguei porque ele não havia me telefonado. Tudo isto me faz pensar se foi a falta de profissionalismo, de responsabilidade e de respeito o que motivou suas atitudes ou se toda essa 'história' não passa de uma mentira que esconde e revela um pouco do machismo e do preconceito existente no cotidiano das nossas vivências."

Rosely Roth, aluna do curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Carta da Ferradura

Falta lead sobre um fato que não houve. Era para ser terça-feira, dia 3, um ato entre tantos, desta vez contra a impossibilidade prática de organizar-se uma gestão decente do Curso de Jornalismo. Tantos elementos para serem postos a público, que só mesmo atra-

vés de uma manifestação minimamente massiva, isto é, que envolvesse alguma coisa de significativo nos limites de um quarteirão. O que, aliás, o ato que não houve não conseguiu.

Se o Porã'duba publicasse a cada edição a radiografia de um curso da PUC, teria pauta para meses e prestaria o grande serviço de fazer com que toda a comunidade soubesse que, aqui, o burocrático-administrativo ganhou a primazia sobre o acadêmico. Isso, apesar de sermos uma escola.

O que determina o cotidiano desta Universidade é a administração burocrática, e não as necessidades didáticas de produção, pesquisa, experimentação e aperfeiçoamento geral. Então, fica tudo vinculado às decisões que no mais das vezes estão a anos luz da sala de aula, distantes da responsabilidade de quem está lá dentro. Mas não se deve entrar em detalhes sobre essa questão de "responsabilidade", pois trata-se de terreno minado. Ainda mais quando pontuado por certos procedimentos de causar arrepios.

Podia ser até natural se isto aqui não fosse uma Universidade (os exemplos são fartos, basta consul-

tar as seções de economia e de política dos jornais). Mas a PUC reúne levas de gente em busca de alguma coisa a mais, um espaço prazeroso, apenas. Estudiar é um barato! — fica a sugestão para a bandeira que, ao contrário das que por aqui se costumam izar, poderia não ter uma eternidade tão fugaz...

Fala-se muito e produz-se pouco. As discussões se confundem e só têm capacidade de reproduzirem capacidades e grupúsculos. O conhecimento é só transmitido, quase nunca transformado.

Tudo isso bem conversado com a massa de pessoas que não foi ao ato que não houve, poderia, quem sabe, construir uma alternativa séria e eficaz para esta Universidade; e quem sabe ainda, para as ricas relações que ainda sobrevivem na PUC.

Para terminar: que do Curso de Jornalismo seja o primeiro retrat pautado. Haja lauda. (Luiz Egypto).

A correspondência para o Porã'duba deve ser entregue na redação (subsolo do prédio novo) ou enviada para a Rua Monte Alegre, 984, Cep 05014 — São Paulo, SP. Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.

Seminário debate os rumos da Universidade

Terminou a primeira fase do Seminário que discutiu a Universidade brasileira e as perspectivas para a PUC de São Paulo



Foto de Gerson Sintoni

No encerramento da 1ª fase do Seminário a mesa formada (da esq. para a dir.) pelo Reitor Luiz Eduardo Wanderley, e pelos professores Eunice Durham, José Giannotti e Simon Schwartzman.

“Como alternativa para a saída da crise, proponho um choque heterodoxo para as PUCs.” Com essa frase, dita no encerramento da 1ª fase do Seminário sobre as perspectivas para a Universidade, realizado nos dias 2, 3 e 4 últimos, o Reitor Luiz Eduardo Wanderley quis chamar a atenção para a necessidade das PUCs se voltarem para temas sociais fundamentais que interessam às camadas majoritárias da sociedade. Para isso as Universidades Católicas teriam que re-direcionar todo o seu projeto de ensino e pesquisa, ganhando um perfil mais definido no interior da sociedade.

Aproximadamente cem pessoas acompanharam esse debate que contou também com a participação do professor Dalmo Dallari, da Faculdade de Direito da USP e do Padre Alberto Antoniazzi, da PUC de Belo Horizonte. Para o jurista Dalmo Dallari a PUC de São Paulo teve papel importante no período de repressão servindo de palco para “discussão, análise e denúncia dos problemas da época”. “Com isso — segundo ele — a PUC foi perdendo apoio financeiro federal, prejudicando o ensino e principalmente a pesquisa. Sou a favor de que as Universidades Católicas recebam recursos do governo, sem qualquer barganha”, conclui Dallari.

Auditório lotado

Os debates do segundo dia do Seminário foram os mais concorridos. Na mesa Florestan Fernandes, Marilena Chauí e Demerval Saviani. O professor Florestan Fernandes, mesmo adoentado, fez questão de dar o seu depoimento fazendo um histórico da Universidade brasileira, situando-a no contexto latino-americano. Para ele a Universidade sempre foi uma instituição das elites e que “para nosso consolo, a crise da Universidade é mundial e não será resolvida sem a passagem para

o socialismo”.

“No Brasil — segundo Florestan — importou-se o modelo da Universidade européia e hoje nós nos vemos diante de um impasse de criar um novo modelo sem ainda ter consolidado o europeu”. “A colonização — afirmou — na esfera das idéias atravessa o pensamento crítico, quando ele é uma imitação tão servil do exterior e, na primeira tentativa para se escapar disso entra-se em confronto com as classes dominantes.”

A professora Marilena Chauí falou da questão da competência na Universidade que, para ela, surge através dos princípios de administração. “São princípios sem conteúdo, já que Administrava-se uma Universidade da mesma forma como se administra a Bom Bril ou a Volkswagen. A Universidade deve se fragmentar, segundo a administração, porque esta não lida com o global, administrando por partes. Esse é um dos maiores problemas para a modernização da Universidade”, segundo Marilena Chauí. Ela fez questão de alertar, no entanto, que “para mexer na Universidade é preciso ter muito fôlego já que nela se distingue a sabedoria e a prudência. Teremos que lidar com o saber universitário e com a incompetência social. A modernização terá que vencer a ideologia da competência com uma competência maior”, conclui a filósofa.

Preocupado com questões mais imediatas, o professor Demerval Saviani, do programa de pós-graduação em Educação da PUC, falou sobre a questão do imposto regressivo como forma de manter a Universidade. Para ele a Universidade é financiada pelo imposto regressivo: quem ganha menos paga mais e quem ganha mais paga menos. “É como o ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) ou como o IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) onde contribui proporcionalmente mais,

quem ganha vale e os que ganham menos são a maioria”.

Avaliação do desemprego

A delicada questão da avaliação do desempenho das Universidades foi debatida, perante um público formado em sua maioria por estudantes de pós-graduação, pelos professores Simon Schawartzman, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, José Arthur Gianotti, do Departamento de Filosofia da USP e Eunice Durham, do Departamento de

Ciências Sociais da mesma Universidade.

Para Eunice “é importante que a avaliação seja interna e externa. Se a gente pensa a avaliação como um processo de trabalho permanente isso torna público os nossos problemas e não se acoberta nada”. Com o que não concordou Simon Schwartzman que disse não acreditar em avaliação interna, “porque são necessários parâmetros externos para uma avaliação”. O professor Gianotti foi mais longe afirmando que “avaliação também é propaganda e se a PUC tem sido pioneira em tanta coisa porque

não fazer comitês de avaliação e informar os alunos?”. Para ele a “Universidade que recebeu várias verbas públicas tem que se vincular ao caráter público das coisas”. No caso específico da PUC, Gianotti acha que ela deve “deixar de ser religiosa para ser pública”.

Essas questões devem voltar ao debate no segundo semestre, quando a PUC realizará a segunda parte desse Seminário procurando encaminhar propostas para enfrentar a crise e, se possível, apontar soluções para os graves e crônicos problemas da Universidade.

O recadastramento dos professores

O Ministério da Educação está iniciando o cadastramento de todos os docentes do país. Já estão circulando em várias universidades brasileiras formulários do tipo “imposto de renda”, só que bem mais simplificados, coletando uma série de dados sobre as atividades dos docentes brasileiros. Aqui na PUC a Coordenadoria de Assessoria Técnica de Planejamento quer criar um banco de dados sobre essas atividades. Um dos seus integrantes, o professor Sergio Vasconcelos de Luna, explica neste artigo, como será feita a coleta de dados na PUC.

Você conhece projetos de pesquisa sendo realizados na PUCSP?

Sabe qual é a formação acadêmica de nossos colegas? Suas áreas de especialização?

Dispõe de informações suficientes para analisar a questão dos contratos dos docentes da Universidade de como um todo?

Da resposta a estas e muitas outras perguntas semelhantes depende a análise da instituição e, conseqüentemente, o seu planejamento. No entanto, está cada vez mais difícil respondê-las enquanto instituição. O crescimento da Universidade exigiu a criação de novas estruturas, ao longo dos anos mas nem sempre foi possível planejar, com tempo e completamente, a rede de informações que iam sendo alocadas nos setores criados.

Para cada novo projeto concebido para a PUC acaba sendo sentida a necessidade de se coletar informações ou, pelo menos, de reunir aquelas dispersas pelas diferentes unidades.

Em função desta realidade constatada, a Coordenadoria de Assessoria Técnica de Planejamento (CATP) vem planejando a organização de um banco de dados que, juntamente com o projeto de modernização administrativa, ora em implantação, permita o acesso imediato a informações considera-

das relevantes. A expectativa é a de que a atualização constante e a análise de tais informações permitam subsidiar permanentemente o planejamento da Universidade.

Um dos projetos elaborados pela CATP consiste no cadastramento de professores. Coincidentemente, quase pronto o instrumento a ser usado, duas solicitações vieram confirmar a oportunidade da criação do banco de dados:

a) de um lado, a decisão da Secretaria do Ensino Superior (SESu), do Ministério da Educação, de cadastrar os docentes do país;

b) do outro, a necessidade sentida pela Comissão Intercolégial (criada pelo CEPE para rever a questão dos contratos dos docentes) de conhecer a natureza das atividades dos professores da Universidade.

Considerando que estes três projetos de coleta de informações acabariam sendo executados simultaneamente, a CATP decidiu compatibilizá-los de modo a eliminar, tanto quanto possível, a duplicação de questões. O resultado deste trabalho está em fase final e a aplicação dos questionários deverá ser iniciada ainda em junho (mesmo porque, o prazo concebido pelo MEC/SESu é curto). Antes disso, porém, serão estabelecidos contatos com os responsáveis pelas unidades que congregam professores-pesquisadores, durante as quais

será discutido o procedimento mais conveniente.

Como professores que somos também, estamos cientes do impacto que estas solicitações provocam. Vivemos preenchendo formulários e fichas para os mais diferentes propósitos, nos mais diferentes (e inoportunos) momentos. Formulários tais e tantos que chegamos a nos perguntar se as informações necessárias não poderiam já estar disponíveis em algum lugar, dispensando, assim, nova coleta. É possível que isto ocorra mesmo, pelo menos com relação a parte delas. Entretanto, ponderamos que além do tempo que será consumido no processamento e análise dos dados (o que temos de fazer de qualquer modo), seria necessário um tempo equivalente para se localizar as fontes de informação (certamente múltiplas), para coletar os dados e, ainda, para avaliar seu grau de atualização.

Se for possível contar com o apoio e colaboração dos professores nesta tarefa, poderemos, daqui para frente — criar um sistema de simples atualização de informações susceptíveis de mudança. Desta forma, talvez possamos responder à questão mais do que premente: afinal, quem somos nós?

Fortaleza experimenta a Prefeita Maria

A PUC recebeu, no dia 31, uma das estrelas do PT, a prefeita Maria Luiza Fontenelle, que a convite da Urplan participou do curso de extensão "O poder local e a democracia no Brasil: participação popular e cidadania nas áreas metropolitanas". A prefeita veio à PUC contar sobre sua experiência na administração popular de Fortaleza, que comanda desde março.

A reportagem do Porã'duba aproveitou a visita para fazer "em trânsito" uma rápida entrevista. Encontramos Maria Luiza muito arrumada, no saguão do hotel e já em cima do Minhocão, retocando a maquiagem, a caminho da PUC, ela falou de sua história, do PT e do seu governo.

Porã: Quais os caminhos que a levaram à Prefeitura de Fortaleza?

Maria Luiza: Para entender como a Maria Luiza chegou na prefeitura é importante se reportar a um dado significativo na história de Fortaleza: o Movimento Feminino pela Anistia, que aconteceu na época da retomada do movimento estudantil na Universidade onde eu lecionava. Este é o registro de uma Maria Luiza que começou a se gestar para ser prefeita. Eu entrei no PMDB e fui eleita, em 78, deputada estadual com a segunda maior votação. Percebi, então, que Fortaleza expressava um sentimento oposicionista, que se confirmou na eleição de 82, quando fui reeleita com o voto de operários, moradores de periferia, mulheres, estudantes e profissionais liberais. Desde essa época havia uma pressão para que eu ingressa-se no PT e com o desfecho do movimento das diretas, o apoio do PMDB ao Colégio Eleitoral, resolvi cerrar fileiras com os militantes do PT. E finalmente em 85,



Foto de Claudia Giudice de Menezes

cheguei à prefeitura.

Porã: Como é fazer uma administração socialista, num estado onde os "coroneis" ainda são muito poderosos?

M.L.: Nós desde o período da campanha sabíamos que seria muito difícil realizar uma administração socialista, posto que o regime é capitalista. Não dá para fazer uma coisa sem exterminar outra. Nesse sentido, nos propusemos a realizar uma administração popular. Porém tem sido profundamente difícil, porque nós conquistamos pelo voto um mandato a nível executivo, mas de certa forma não conquistamos o poder. O poder continua na mão de quem detém o domínio econômico. A administração se encontra manietada pelo exercício do poder econômico, estadual e federal.

Porã: Além disso, no legislativo você não tem apoio de nenhum deputado ou vereador,

que seja do PT. É mais complicado administrar nestas condições?

M.L.: Nós agimos a partir das contradições existentes na Câmara e da Assembléia que não são um poder monolítico. Mas não tem sido fácil, porque a prática dos vereadores e deputados é uma prática clientelista que não atende as reivindicações do movimento popular.

Porã: A grande imprensa divulga insistentemente os problemas da administração de Fortaleza. Quais são os problemas reais da cidade e o que está sendo feito pela prefeitura para solucioná-los?

M.L.: Os problemas são os mesmos vivenciados por qualquer prefeitura. Primeiro, a herança de um passado com a marca do clientelismo, corrupção e total descaso com a coisa pública. E além da grande dificuldade financeira, os municípios sofreram uma grande san-

"Nos propusemos a realizar uma administração popular. Porém tem sido extremamente difícil, porque conquistamos pelo voto um mandato a nível executivo, mas de certa forma não conquistamos o poder. O poder continua na mão de quem detem o domínio econômico".

gria e não têm como responder às necessidades colocadas pela população. A cidade de Fortaleza tem uma agravante, o último prefeito arrasou com a prefeitura e deixou a cidade toda destruída.

Porã: No caso específico do lixo amontoado pelas ruas, que é um assunto nacional na grande imprensa, você acha que ela tem se comportando de maneira oportunista em relação à sua administração?

M.L.: Sim, o combate cerrado por parte da imprensa burguesa é um problema porque temos que usar uma boa parte do nosso tempo para nos defender das calúnias e ataques. Acho que esta é uma tática usada para dificultar o nosso desempenho.

Porã: E no caso dos seus "dois maridos" e a ida à Brasília "com pires na mão" que foram muito comentados. Você acha que foi mais um exagero?

M.L.: Eu dizia ainda ontem, que em nenhum momento este fato foi tão discutido em Fortaleza, como foi em outras partes. Em Fortaleza eles são muito conhecidos e respeitados pela comunidade. E quanto ir com "o pires na mão", esta tem sido a prática comum de todos os prefeitos e governantes, já que os recursos estão todos concentrados a nível federal.

Porã: De que forma o Diretório Nacional do PT apoia e colabora com sua gestão?

M.L.: No início da nossa administração, dirigentes do PT vieram conversar conosco para sentir as dificuldades e trocar experiências. Inclusive o PT colaborou com as dívidas pessoais da prefeita contraídas durante a campanha. O PT também forneceu contatos com a embaixada alemã e outros setores que financiam projetos comunitários.

Porã: O que você pretende deixar de positivo e marcante como linha do seu governo popular?

M.L.: Primeiro a questão do apoio ao movimento popular e do espaço aberto para a fortificação do movimento. Hoje em Fortaleza existe um processo de mobilização, conscientização e luta que eu ponho dúvidas que esteja acontecendo em outra cidade do país. Todo mundo discute os problemas, o lixo tornou-se internacional. Além disso o funcionalismo está vivendo um processo de organização e independência, sendo chamado a estabelecer um relacionamento com a comunidade que não existia. Portanto, estamos colocando a administração a serviço da comunidade, particularmente, dos setores oprimidos, apesar de termos um relacionamento leal e sério com o setor empresarial.

D. Paulo e a segurança da PUC

A reportagem do Porã'duba sobre a questão da segurança na PUC continua gerando polêmica. O Grão-Chanceler da Universidade, Dom Paulo Evaristo Arns, a pedido deste jornal, deu sua opinião por escrito e a vice-reitoria comunitária expediu um comunicado criticando aquele trabalho.

A palavra de Dom Paulo

Porã'duba: Qual sua opinião a respeito do problema da segurança da PUC?

Dom Paulo: A segurança da PUC deve limitar-se às normas convencionais da proteção do patrimônio da comunidade, jamais interferindo nas atividades universitárias, e sempre respeitando a inviolabilidade dos direitos de todos os membros da comunidade, sem distinção.

Porã'duba: Qual sua opinião a

respeito do encarregado da segurança da PUC?

Dom Paulo: O Grão-Chanceler da PUC não interfere nas contratações de funcionários. Ele confia no bom senso das pessoas que estão investidas de autoridade para fazer tais contratações. Todas as pessoas contratadas para prestar serviços numa comunidade universitária devem gozar de reputação ilibada, precedida de serviços prestados ao próximo que não deixem dúvidas sobre sua sensibilidade humanitária.

As críticas da vice-reitoria comunitária

"Lemos a reportagem da última edição do Porã'duba em que se simulou um crime de furto na Universidade para se aferir a eficácia da Segurança interna. A reportagem nos autoriza fazer as seguintes observações:

1. Não se pode pensar o problema da segurança independente das condições atuais da sociedade. A PUC não será uma fortaleza inexpugnável no contexto de insegurança a que a cidade está exposta, nem supomos que seja possível um sistema de segurança invulnerável às investidas de pessoas ou grupos que atuam na cidade. Cremos que, além da questão social que afeta o problema da

segurança, deve ser um trabalho coletivo resguardar espaços e as atividades legítimas das pessoas onde elas vivam ou trabalhem. O Encontro de Administradores Universitários, acontecido na PUC, no ano passado, mostrou que a questão atinge todas as universidades e, mesmo onde há pessoal e equipamentos sofisticados, não tem sido possível erradicar o problema.

2. Em relação à simulação do furto: embora seja uma prática do jornalismo atual, acreditamos que induzir um menor à prática de ato ilícito, mesmo nas circunstâncias em que se deu, não contribui pedagogicamente nem para o autor nem

para a maior estabilidade das pessoas no campus.

3. A reportagem desconhece iniciativas que estão em curso, desde o ano passado para melhorar os recursos materiais e humanos de que dispomos e as medidas que estão sendo implementadas para salvaguardar o bem estar e tranquilidade de todos os que trabalham na Universidade.

4. O corpo de segurança tem sido e continuará sendo aprimorado. Há entraves decorrentes da própria atividade e limitações funcionais e técnicas que estão sendo avaliadas e revistas e para dotar as pessoas e o patrimônio de condições adequadas de vigilância e garantia".

Os Fantasmas da Anistia

Em plena "Nova República", o desaparecimento de dezenas de presos políticos da ditadura continua sem explicação oficial, enquanto os familiares lutam para reaver os corpos e reconstituir um passado sombrio do País.

Onde estão os 144 brasileiros, perseguidos políticos, desaparecidos durante o regime militar? Se foram mortos, onde estão seus corpos, em que condições ocorreram essas mortes, quem são os responsáveis por elas? Nada disso foi respondido até agora. A nova república se esquia a tocar essa ferida aberta, uma das mais repugnantes deixadas pela ditadura dos generais.

"Meu filho amava a vida como vocês, e eu o perdi. Perdi meu marido, perdi meu genro. Meu marido foi constituído em 46, era jornalista, conhecido dentro e fora do Brasil. Como ele, os outros desaparecidos não eram marginais. Nada justifica o mistério sobre seus paradeiros". O depoimento, emocionado, foi feito por Alzira Grabois, num encontro com os familiares de presos políticos desaparecidos, realizado na PUC no último dia 28 de maio. O encontro foi uma das atividades realizadas pela comissão de familiares que marcaram a passagem da V Semana Mundial do Preso Político Desaparecido.

O marido de Alzira, Maurício Grabois, seu filho André e o genro Gilberto Olímpio Maria desapareceram no Araguaia, durante as campanhas de cerco e aniquilamento realizadas pelas Forças Armadas, entre 1972 e 1974. Mais de 20 mil homens, das três forças, passaram por aquela região nesses anos, à caça dos 69 guerrilheiros do PC do B. Desse, 59 desapareceram; eram estudantes, jornalistas, médicos, engenheiros. Alguns camponeses que aderiram à luta armada contra a ditadura também tiveram o mesmo fim. Na justiça, as Forças Armadas negam o desaparecimento, negam mesmo que tenha existido a guerrilha. O que houve foram exercícios militares, dizem. Sabe-se, no entanto, que numerosos guerrilheiros foram presos com vida, conforme depoimentos de habitantes do lugar, registrados na OAB.



Foto de Claudáia Giudice de Menezes/Giovanni Rizzo

Na foto, familiares seguram as fotos dos desaparecidos



"A decapitação era uma prática de rotina..."

A companheira de André Grabois, Criméia de Moraes, confirma em seu depoimento o massacre que foi realizado no Araguaia e os extremos de sadismo a que chegaram as forças incumbidas da repressão. Criméia foi uma das poucas pessoas que participaram da guerrilha e escaparam com vida. Presa em São Paulo, em 74, grávida de sete meses, não escapou às torturas. Seu filho, João Carolso, nasceu em um hospital militar de Brasília e até hoje não pôde receber o nome de seu pai, que, juridicamente, não está morto, mas tampouco está vivo para reconhecer a paternidade. Na prisão, Criméia assistiu ao que os torturadores chamavam "seções de cinema": projeções de slides onde apareciam as cabeças e mãos, decepadas, de seus ex-companheiros do Araguaia. "A decapitação era uma prática de rotina... eles cortavam as

cabeças e remetiam-nas para Brasília, para que os mortos fossem identificados".

Outros casos foram relatados no encontro com os familiares. Túlio Roberto Cardoso, filho de Mairza Cardoso, foi sequestrado no Chile após o golpe de Pinochet e até hoje não se tem notícias suas.



"É como se fosse o crime perfeito"

Maria Augusta Capistrano, por sua vez, contou como seu marido, David Capistrano, membro do PCB, desapareceu em 74, quando tentava voltar de seu exílio na Checoslováquia. David foi preso no caminho entre Uruguiana e Rio. Como nos outros casos, ninguém admite a prisão. No entanto, ele foi visto com vida, por outros presos, no Dops de São Paulo. Não há registro da prisão, não há corpo. "É como se fosse o crime perfeito", de-

sabafa Maria Augusta. "Hoje se vive um clima de maior liberdade, mas achamos que uma democracia efetiva passa pelo esclarecimento das condições em que desapareceram esses patriotas, que defenderam as lutas do povo. Por isso, levantamos, junto com outros familiares, a bandeira dos nossos mortos, e exigimos o justicamento daqueles que levaram o Brasil a viver essa grande tragédia".

Mas os obstáculos a esse "justicamento" são inúmeros, tanto jurídicos como políticos. O processo dos familiares contra a União se arrasta desde o início de 1980 na Justiça. O julgamento deveria ter ocorrido em dezembro de 85, mas, por meio de manobras administrativas, a conclusão do processo vem sendo adiada.

As manobras e a omissão dos novos donos do poder evidenciam o temor de tocar um assunto que se transformou em tabu. Porque a eventual condenação da União abrirá concretamente a possibilidade de levar ao banco dos réus os generais, coronéis, capitães — oficiais e subordinados que comandaram ou executaram os sequestros, as torturas e os assassinatos sob o regime militar, a maior parte deles ainda em plena atividade, ocupando postos nos serviços de informação, nas embaixadas da Nova

República, nos altos escalões das Forças Armadas.



"Os simples corpos dos desaparecidos são um testemunho muito cruel do que foi a ditadura"

Mais do que isso, a consequente apuração dos desaparecimentos exigirá que se vasculhem os cemitérios clandestinos à procura dos corpos das vítimas da repressão. Será preciso levantar os nomes falsos sob os quais foram enterrados em cemitérios comuns. Será necessário entregar aos familiares, para um enterro decente, os corpos dos desaparecidos, muitos deles mutilados, sem a cabeça e sem as mãos. "Os simples corpos dos desaparecidos — o deputado federal José Genoíno, ex-guerrilheiro no Araguaia — são um testemunho muito cruel do que foi a ditadura".

Tão cruel que a simples menção à luta dos familiares levanta imediatamente gritos de alerta contra o "revanchismo", tanto da parte dos diretamente envolvidos com os assassinatos, como da parte de muitos "democratas", sob cujo manto aqueles se escondem.

Os argumentos de que a luta dos familiares podem provocar uma desestabilização política mal disfarçam o desejo de alguns em manter a chamada "transição democrática" sob a tutela dos mesmos homens que comandaram o país nos anos negros da ditadura. Revelam também a intenção de não permitir que a estrutura do Estado — seus serviços de informação, o aparato e a legislação repressivos herdados da Velha República — venham a ser ameaçados.

A obra de Florestan em debate

A 1ª Jornada de Estudos, em Marília, discutiu profundamente o trabalho do mais importante sociólogo brasileiro

Durante três dias, de 22 a 24 de maio, a cidade de Marília foi palco de um dos acontecimentos mais importantes da vida cultural e acadêmica do país. Cerca de 38 professores de diversas Universidades do Brasil e até do exterior, estiveram reunidos no auditório da Fundação de Ensino Eurípedes Soares da Rocha, discutindo e analisando a obra do sociólogo Florestan Fernandes.

O evento, denominado 1ª Jornada de Estudos de Ciências Sociais, foi promovido pela UNESP/Marília (Universidade Estadual Paulista), com o apoio da PUC, da USP, da Associação Brasileira de Sociologia, da Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo, e da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). Segundo a professora Maria Ângela D'Incao, coordenadora da Jornada, havia um interesse muito grande no estudo de um autor cuja produção refletisse a realidade nacional. "Em geral, as pessoas têm uma tendência a conhecer os autores estrangeiros", afirma. "Por isso, escolhemos a obra de Florestan Fernandes. Dos nossos sociólogos foi ele quem mais escreveu. E escreveu coisas muito interessantes".

Mais do que um interesse sobre sua produção intelectual, a 1ª Jornada acabou constituindo-se num tributo à Florestan Fernandes e a importância da sua contribuição no debate de idéias. Como afirmou o sociólogo português Hermínio Martins, da Universidade da Oxford, "os brasileiros têm sorte porque podem homenageá-lo em vida". Logo na abertura dos trabalhos, os depoimentos de Antônio Cândido, Fernando Henrique Cardoso e Eunice Durham, emocionaram a platéia e o próprio Florestan. Fernando Henrique, seu aluno na USP na década de 50, lembrou o inigualável professor que ele foi e o grupo de sociólogos que formou-se em torno de seu nome, dando um grande impulso às reflexões sociológicas no Brasil.

Ciência libertadora

Sobre sua obra, que foi dividida em vários temas como a Questão Racial, o Problema Indígena, a Revolução Burguesa, entre outros, todos os debatedores foram unânimes em destacar a penetração da análise de Florestan Fernandes e a sua visão da sociologia como uma ciência libertadora, uma ciência de transformação social. "Apesar de ser um autor árduo de ser lido, ele foi lido durante todos esses anos", afirma Maria Ângela.

Esse fato, segundo a coordenadora, explica a grande afluência de público nos três dias de conferência. De acordo com seus cálculos, estiveram presentes aproximadamente 700 pessoas por debate. "Nós não esperávamos um público tão grande assim e que viesse de regiões tão distantes. Tem gente até de Belém do Pará", entusiasma-se Maria Ângela. E parece que quem foi à Jornada não se arrependeu. "Antes de tudo é um reconhecimento que a sociologia devia a ele. Pra nós, que temos esse primeiro contato, é uma aula", declara Hélio Carlos Mello, estudante da USP. Ao final de cada debate Florestan era cercado por alunos e professores, que pediam uma dedicatória ou, apenas, uma palavra com o mestre. A todos, ele atendia com olímpica paciência, desculpando-se muitas vezes, pelos garranchos.

Depois de tamanho sucesso, a coordenação da Jornada promete publicar, em breve, um livro contendo tudo o que foi discutido em Marília. "Pra nós", finaliza Maria Ângela, "foi uma surpresa muito agradável".

Gerson Sintoni, de Marília.



Fotos: Agência Folhas/Claudia Giudice Menezes



Na platéia, a emoção de Florestan (à esq.); a mesa que debateu sua teoria sociológica e o auditório, sempre lotado.

Um intelectual comprometido com a liberdade

Florestan Fernandes, 66 anos, é uma das poucas celebridades que pode se orgulhar de ter sido homenageado, ao contrário dos outros mortais, em vida. Autor de uma dezena de livros que marcaram época e formaram a nova intelectualidade brasileira, Florestan se critica dizendo que, "atribuem-me em geral, maior importância e relevo do que de fato consegui realizar. Todos os meus trabalhos deixaram para trás planos mais complexos e mais amplos, livros e ensaios, que seriam mais importantes".

Modéstia a parte, não existe no Brasil, nenhum sociólogo que se preze que não tenha como bibliografia básica obras como: Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada, A Integração do Negro na Sociedade de Classes, A Revolução Burguesa no Brasil e a Organização Social dos Tupinambás, entre outros, desse autor que dá brilho às estantes.

Soldado Desengajado

Mas Florestan não é apenas dono de longos e elaborados tratados sociológicos. Em 1954, substituiu o professor Roger Bastide no curso de Sociologia I, na USP, e tornou-se, em pouco tempo, um dos professores mais requisitados e assistidos daquela Universidade. Apesar de todo seu prestígio, a mesma USP que o recebeu em 54, expulsá-lo-ia, tempos depois, quando os anos negros chegaram. Florestan comenta este fato com um pouco de ressentimento. "Seria desonesto dizer que não senti a ruptura da minha vida e carreira, provocada por uma ditadura reacio-

nária. Perdi meu grupo de referência e de integração e passei pelos mesmos processos que afetam os soldados desengajados".

Seu exílio obrigatório quase mutilou a sociologia brasileira, pois, afastado de seu meio, Florestan assumiu, como diz, uma atitude "autodestruidora" chegando até a "repudiar a sociologia como profissão". Felizmente, aos poucos ele foi reconquistando espaços na nossa produção intelectual, sendo contratado pela PUC, em 1977, para lecionar no Pós-Graduação.

A fama internacional parece não sensibilizar Florestan. Ao contrário. A esse respeito ele tem uma posição bem crítica. "A grande expectativa é ser reconhecido lá fora, o que atesta uma subordinação passiva incrível à dominação cultural imperialista e um enorme conformismo do colonizado diante do colonizador. O ser reconhecido aqui dentro parece secundário e só tem importância na prática, como forma de realizar uma carreira, de ganhar a vida e de tocar o barco", afirma.

"Não sou vaidoso"

Porém, Florestan Fernandes não é apenas um autor consagrado e professor admirado por seus alunos. Negando o estereótipo do intelectual sisudo e circunspeto, ele é capaz de declarações do tipo, "não sou muito vaidoso. Minha timidez faz pensar de mim coisas que não são verdadeiras. Um analista me disse, certa vez, que não sabia onde se achava o meu Eu, que eu me perdia por trás de um nós utópico. O que talvez seja verdade", concorda Florestan, "e se prenda à imantação socialista subjetiva da minha personalidade".

E finalmente, diante de uma homenagem viva como a Jornada de Estudos de Marília, o próprio Florestan faz a sua avaliação e considera que o evento foi uma realização altamente positiva e construtiva. "Fiquei, pois, contente com essa manifestação que representa um ousado passo à frente no debate intelectual, científico e político. Porque a produção cultural independente, ou relativamente independente, é um fato político central". (GS)

Outras teses juninas

Parece uma mancha de tinta: uma abordagem Psicanalítica Rorschach — Miriam Debieux Silva — programa de Psicologia Clínica — dia 13/06/86 — às 8:30 hs na sala 239.

O enfoque fenomenológico existencial da obesidade — Marina

Pereira Gomes programa de Psicologia Clínica — dia 24/06/86 — às 9:00 hs na sala 239.

Paul Selan — intertextualidade — Odete Labbati — programa de Comunicação e Semiótica — dia 24/06/86 — às 14:30 hs na sala 239.



"Em sociedade tudo se sabe.
Mas nem tudo se revela..."

(Perry White, by permission)

QUALQUER NOTA

Cassino Underground

No dia 25 de maio os funcionários Antonio Souza e Nelson Rodrigues Brito Alves, do Unipark que funciona na garagem do prédio novo, fizeram os treze pontos na Loteria Esportiva.

Acontece que além deles, muitas pessoas acertam o teste nº 806 e como se não bastasse esse azar, o cartão era de um bolão com mais 13 pessoas, e no fim das contas o prêmio ficava tão pequeno que os integrantes resolveram reinvestir nos próximos jogos.

Segundo Nelson e Antonio, o esquema de jogos é constante: Loteria e Nelson se encarrega de programar o jogo da Loto, e a central é a garagem, onde se armam os bolões.

Esta é a segunda vez que eles fazem os treze pontos. Parece que o local dá sorte.

Programação do Cine-Vídeo

O Cine-Vídeo Tube do Jornalismo fica na "Ferdadura", no laboratório de vídeo do curso (Campus Monte Alegre) e sua programação para junho é a seguinte: 11/06 às 20:30hs e 13/06 às 20:00hs — "Metropolis" de Fritz Lang, na versão musical de Giorgio Moroder

der e o curta "Di" de Glauber Rocha; 18/06 às 20:30hs e 20/06 às 20:00hs — "A vergonha da selva" de Piccha, um desenho pornográfico animado e o vídeo "Flávio de Carvalho" de Ana Carolina e outros; 25/06 às 20:00hs e 27/06 às 19:00hs — Um vídeo inédito de um show do Frank Zappa e "O Ilusionista", prêmio da crítica na "Mostra Internacional de Cinema de São Paulo" de 85.

O baile do Tuca

Deslizaram na Choperia do Sesc Pompéia agitados casais na noite do dia 24 de maio. A "Noite em Casablanca" reuniu no palco a cantora Rosa Maria e a São Paulo Dixieland Band e teve seu *gran finale* com a banda Sossega Leão.

A festa rolou num clima eclético-ecumênico, isto é, quase todas as tribos musicais foram contempladas com hits clássicos para dançar corpo a corpo nos mais variados ritmos. Das 1.700 pessoas que circularam pelo Sesc (fechado especialmente para o evento) quem foi esperando muito *glamour* acabou mudando de idéia, entrando no pique das maracas ao fim da noite.

O SOS Tuca, que promoveu o evento, anuncia que do ponto de vista promocional a festa deu certo — a campanha para a reconstrução do Tuca voltou a ser noti-

ciada e está de novo na roda, mas o segundo objetivo da Noite em Casablanca não foi alcançado, porque o SOS não conseguiu arrecadar verbas suficientes. A bilheteria só deu para pagar as despesas. Mas já tem gente querendo mais.

Moralismo febril

A prisão do ex-deputado João Batista Breda sob alegação de atentado ao pudor e os ataques misteriosos a travestis em São Paulo apontam para o mesmo problema — uma reedição da caça às bruxas, só que dessa vez na defesa da moral brasileira.

Para protestar contra a violência do moralismo febril a Cooperativa de Ação Direta, formada por "diversos cidadãos sexuais desta Metrópolis" organizou um documento que denuncia a infame situação das mortes de travestis não investigadas e da prisão absolutamente inexplicável (o atentado ao pudor seria, segundo consta, o fato do ex-deputado estar beijando um funcionário da Assembléia Legislativa dentro de um carro).

O documento será entregue ao delegado do 3º Distrito Policial no dia 20 de junho, depois de uma passeata de repúdio que sai da Praça da República às 18:30 hs.

Luta de Classes na Reitoria

Em repúdio ao ato da reitoria de não permitir a continuidade do Torneio de futebol "Luta de Classes" promovido pelo Cacs (Centro Acadêmico de Ciências Sociais) um grupo de alunos invadiu a reitoria no último dia 3 com bandeiras anarquistas, rojões, bola e rádios ligados. Na sala estavam presentes o reitor Luis E. Wanderley, o vice-reitor administrativo Alípio Casali e a vice-reitora acadêmica Silvia Lane que escutaram perplexos os alunos que queriam um acordo de paz. "Não nos mandem jogar na Deric ou em Sorocaba, queremos usar a quadra aos domingos, ou o campeonato se realizará aqui nesta sala".

O reitor prometeu dar uma resposta até o dia 5 de junho garantindo que se tivesse um torneio de voleibol ele até participaria. O grupo de alunos saiu na expectativa de que a "Luta de Classes" acabe antes das férias.



De cueca com D.ª Eloá.....

André milita
pelo fim
do inverno.



Foto de Claudia Giudice de Menezes

Foi o maior Clima

O Episódio que vamos narrar começa com um telegrama enviado a vários centros acadêmicos de São Paulo pela primeira dama da prefeitura paulistana. O comunicado marcava um encontro obscuro entre a militância universitária e Dona Eloá Quadros para o dia 31 de maio às 10 hs no gabinete do prefeito — o "barracão" do Ibirapuera, segundo o Sr. Jânio.

Às 10:40 chegou a Dama com seus assessores informando que queria apoio para a campanha do agasalho. Dona Eloá queria que os nossos quadros ajudassem a compor a vitrine propagandística do "Quadros" dela: "qualquer coisa que vocês não usem, qualquer coisa estragada".

Dito isso, o nosso protagonista começou a fazer um "strip tease" a fim de doar suas próprias vestes, num ato de renúncia dos mais louváveis.

Dona Eloá agradeceu, os demais presentes riram muito e a sala se encheu de seguranças. Começou uma discussão sobre a campanha do agasalho.

Sem roupas, afetado diretamente pelo frio, nosso protagonista deu uma reviravolta na reunião e lançou a proposta de uma campanha mais abrangente que atacasse o problema não pelo sintoma e sim pela raiz. Os estudantes logo encamparam a luta e criou-se a dissidência, a "Campanha pelo Fim do Inverno".

Se a primeira dama não tivesse aceitado o donativo não haveria mais conflito direto mas, na saída, um companheiro teve que arrancar as roupas do herói que estavam com D. Eloá.

E assim, o orador meteorológico deu mais um passo em sua carreira meteórica, depois de readquirir sua propriedade das mãos do poder municipal.

A Reunião inusitada terminou com os estudantes gritando em uníssono: "Deus Salve a Rainha! Deus Salve a Rainha!". Com todo respeito.

O orador meteorológico é André Luiz Braga Picardi, 19 anos, paulista. Estudou no Colégio Objetivo, onde fundou o SACO (Sindicato de Alunos do Colégio Objetivo). Tirou a roupa também num congresso da UNE e, numa passeata da PUC — "A PUC tá Cara!", saiu vestido de Cristo carregando uma cruz até as escadarias da Gazeta. Foi desenhista, trabalhou como auxiliar de vendas na São Paulo Alpargatas e como caixa de banco. Atualmente é tatuador. Não foi aceito no exército porque era estudante de Ciências Sociais na PUC. Os médicos deram-lhe o carimbo vermelho.

Nos becos, prepara-se sua candidatura relâmpago, que supera tendências e partidos: André Picardi, o candidato do verão permanente, na luta contra o resfriamento da calota terrestre.

Jogo de Cintura

Com a Copa rolando, os craques do futebol andam de molho assistindo aos jogos, mas o Vôlei continua à toda na 1ª Copa PUC. Aqui vai a classificação das equipes:

Fase Final: Grupo I — 1º Geron-tófilo; 2º Esgoto — Grupo II — 1º Deca; 2º Puc — Grupo III — 1º Sangue de Negro; 2º He Man.

Os próximos jogos serão nos dias 11 e 12 de junho. No dia 11 (quarta-feira) às 11:30 hs — Sangue de Negro X Esgoto, às 12:30 Geron-tófilo X He Man. Às 12:30 do dia 12 Puc X Deca.

Torneio Inter-Universidades.

A Puc será representada no torneio Inter-Universidades que está marcado para os dias 21, 22, 28 e 29 de junho no setor de esportes da USP.

Vamos competir nas modalidades de Basquete (masculino e feminino), futebol de campo e vôlei masculino.

As pessoas interessadas em participar das equipes representativas da PUC devem procurar a Coordenadoria de Educação Física e Esportes, na sala 16 do prédio velho (campus Monte Alegre).

Alojamento

Procuo pessoa que já tem apto/casa querendo dividir espaço e despesas. Contatar 256 0476 — Annick, prof.ª de Francês.

Foto de Claudia Giudice de Menezes



Centro Acadêmico S/A

As salas ocupadas pelos Centros Acadêmicos abrigam um comércio de variedades que pode ser muito lucrativo. Se a militância anda em baixa, as cotações deste mercado paralelo dão sinais e alta. Confira o balancete.

O Centro Acadêmico, consagrado espaço de embasamento político e laboratório de revoluções, evoluiu, acompanhando o "timing" do estudante universitário 86, que não troca mais seus números por 68. A militância diletante dos anos 70 está em extinção. O estudante, agora, luta pela própria sobrevivência com a paixão de um "yuppie".

A elitização do ensino colocou-o em nocaute, não importam os meios para resolver o capitalismo pessoal. Um emprego no banco, bico ou comércio clandestino (venda de roupas, artesanato e comida pelas vias universitárias) não comprometem mais a consciência crítica do estudante. Pelo contrário, reforçam o orçamento. O trabalho, até há pouco tempo considerado como atividade alienante, adquiriu o status de criativo, desbancando os profissionais-militantes-gratuitos.

Para não perder a clientela, o C.A reflete seu público, assumindo o capitalismo como uma entidade que não visa lucro, mas que sabe trabalhar com o dinheiro. Nesse sentido, a célula agregadora do M.E. mostra-se competente, colecionando cifrões para satisfazer os desejos de seus filiados.

Atualmente, na PUC, a maioria dos C.As funciona com o regime de auto-gestão e a famosa carteirinha de estudante, antiga fonte de renda, caiu da moda.

"Nem para pagar meia entrada ela serve", reclama José Aparecido, do CALS. Se a carteirinha não rende, de onde vem o dinheiro para patrocinar festas, cursos, atos, pagamento de funcionários e compra de bens, indispensáveis a um C.A movimentado e cheio de alunos? Esta pergunta foi tranquilamente respondida por todos os C.As da PUC — Monte Alegre, que consideram sua receita fundamental para manter o Centro funcionando. Portanto, uma questão que há algum tempo poderia ser polêmica, é tratada hoje, com uma naturalidade empresarial indispensável a um negócio bem sucedido.

Despesa x receita

O Leão XIII (Economia, Administração e Contábeis) e os CACs (Ciências Sociais) são os mais lucrativos. O Leão, segundo seu presidente, Miguel Antonio, tem uma receita de 110 OTNs (Cz\$ 11.704 arrecada-

dados com aluguel da sala do xerox e lojinha com a griffe PUC), que não será suficiente para a reforma do C.A, estimada em Cz\$ 70.000. O CACS, por sua vez deposita na sua conta Cz\$ 8.000 mensais do xerox (vide box), com direito a 8.000 cópias (mais Cz\$ 2.000) e mais Cz\$ 1.500 pelo aluguel do bar do Rogério e livraria do Amaral. O CACs, como a maioria dos C.As, decide seus gastos em reuniões e o controle é feito por três assina-

turas que validam o cheque. Para Marcelo Gatto, do CACs, o dinheiro dos aluguéis é fundamental para a vida ativa do C.A, já que a "tática do saquinho", com a tradicional coleta de contribuições voluntárias, nem sempre funciona.

Na medida em que o C.A deixa de ser um aparelho político para se tornar um centro de lazer e vivência, certos apetrechos como vídeos, tvs, mesas de jogos são indispensáveis para tornar o espaço agradável

e atrair alunos. "Os estudantes procuram o C.A quando ele tem algo para oferecer. Como em geral não tem grande coisa, não existe incentivo a participação", sintetiza Cristina Gomes, do CALS (o CALS tem uma renda fixa de Cz\$ 5.000 mensais).

Apesar do M.E estar mais preocupado com o prazer-lazer, os C. As têm uma verba destinada a viagens políticas (Encontros, Seminários e Congressos) de seus representan-

tes, esclarece Sandra Lúcia Ferreira, do C.A de Educação, um centro que arrecada mensalmente Cz\$ 3.500 com o aluguel do xerox. Comentando os altos rendimentos de outros centros, Sandra denuncia que "tem muito dinheiro rolando por aí, o C.A do ponto de vista de grana é uma boa para muitos".

O menos favorecido na bolsa financeira é o C.A Psico, que teve sua fonte de renda — a sala do xerox — engolida pelo teatro de arena do Novo Tuca. Até o momento, o C.A está sobrevivendo, segundo Marian — 3º Psico, com Cz\$ 6.500 recebidos do xerox da Reitoria (foi feito um acordo entre as partes). Marian acredita que "o que move o C.A não é a grana, mas ela ajuda a manter a autonomia".

Exigindo as contas

Mesmo não conhecendo os meandros administrativos, a maioria entre 40 estudantes entrevistados pela reportagem admite que não participa muito do C.A, mas assim mesmo faz algumas críticas à falta de movimentação e organização. Denis Sato, aluno de Ciências Contábeis, acha que o C.A está meio parado ultimamente. "As diretorias que assumem, falam para se eleger que vão fazer muitas coisas. Depois, na hora do vamos ver, acaba ficando sem ninguém".

O C.A ideal para os alunos entrevistados não está muito aquém do possível, já que a maioria dos estudantes reclama uma maior mobilização que só pode ser feita por eles mesmos. Os cinco estudantes de Ciências Sociais ouvidos gostam das festas e eventos promovidos pelo CACS, mas alguns reclamam à distância de uma atuação política maior do centro. Já Gilberto Pedrosa, aluno de LLP, considera como ideal aquele C.A que saiba conciliar representatividade com uma plataforma que motive os alunos a terem idéias. E, otimista, acrescenta que "para chegar ao ideal não falta nada. Eu acho que a gente está conseguindo".

Portanto, mesmo sofrendo com os defeitos de engrenagem ou mantendo um bom ritmo na produção, a máquina dos C.As está azeitada para funcionar a todo vapor tentando contentar gregos e troianos e financiar baratos afins.



Pinga, livros, moletons e demais quinquilharias, o "acervo" dos centros acadêmicos.

Piratas à deriva

Ao entrar num dos xerox da PUC, poucas pessoas sabem que penetram num território minado. Há mais de um ano desenrola-se uma briga entre os C.As e a Reitoria, sem que haja um consenso. A Reitoria e o Cecom (Conselho Comunitário) decidiram acabar com os xerox clandestinos que funcionam em salas anexas alugadas pelo C.A. Porém, terminar com esta atividade significa exterminar com uma boa parte da renda dos Centros Acadêmicos.

Diante dessa situação, a Reitoria se propôs a ratear os lucros do Xerox Central da PUC e dividi-los proporcionalmente entre os C.As. Porém, os alunos consideram que sairão perdendo e o impasse continua.

A marcação cerrada da Reitoria contra o xerox pirata é justificada pelo Vice Reitor Acadêmico, Antonio Chizzoti, que constatou através de uma auditoria que são altos os riscos de incêndio, devido à sobrecarga de energia. Além disso, segundo Chizzo-

ti, os xerox clandestinos mantêm um sistema absurdo de exploração do trabalho, com funcionários sem registros trabalhando em condições insalubres.

As condições de trabalho dos funcionários do xerox clandestino controlados por Lázaro Donizete e João Geraldo são esdrúxulas. O próprio Donizete admitiu que tem funcionários trabalhando 16 horas por dia.

Mas, compensa o esforço pagando o salário em dobro (4 mínimos ele). "Os funcionários aceitam porque precisam". Donizete criou um sistema empregatício interessante: recruta rapazes solteiros no interior, traz para São Paulo e dá moradia, transporte e alimentação, além do salário. É uma proposta irrecusável para quem está a perigo. Os funcionários admitem que o trabalho é puxado, mas não se queixam. "Lá fora eu poderia trabalhar 24 horas que não ganharia o que ganho aqui", diz um deles.

Porém, acabar com o xerox

clandestino não basta. Os xerox da PUC não têm condições de atender toda a demanda, já que o setor está carente de funcionários, segundo a informação do encarregado-chefe, Luis Sérgio Monteiro, que na semana passada justificava a demora e longas filas. O Vice Reitor, Chizzoti, adiantou que novas contratações estão em curso, com uma novidade: a implantação da bolsa atividade, tempo de trabalho correspondente a tempo de estudo — que permitirá aos alunos trabalharem na PUC e pagarem as mensalidades.

Se o problema espera soluções, a única coisa que não pode acontecer é acabar o xerox. Isto significaria, certamente, um forte abalo no esquema de ensino da PUC, pois todos os professores têm "pastinhas" espalhadas pelo campus, aguardando uma cópia e a futura leitura dos alunos. Sem elas à mão e com pouco dinheiro para comprar livros, iria faltar xarope para curar o rouquidão docente.